



RUSSOS E UCRANIANOS REIVINDICAM VITÓRIAS EM SEVERODONETSK, NA REGIÃO SEPARATISTA PRÓ-MOSCOU DE LUGANSK. KIEV DIZ QUE AVANÇA, ENQUANTO FORÇAS DE VLADIMIR PUTIN REPORTAM RECUO DOS ADVERSÁRIOS

Batalha pelo controle de cidade estratégica

Na batalha pelo domínio da estratégica cidade ucraniana de Severodonetsk, ao leste da região do Donbass, Moscou e Kiev também travam uma guerra de versões. Em mais um dia de enfrentamentos, as forças militares dos dois países deram versões diferentes, cantando vitórias não confirmadas. Serhiy Haiday, governador ucraniano da região de Luhansk, assegurou que as tropas do país estavam recuperando parte da cidade, enquanto a Rússia garantiu que os rivais sofreram graves perdas e estavam em retirada.

Haiday afirmou que os russos “não tomaram completamente” Severodonetsk. Ao contrário, os ucranianos, segundo ele, teriam retomado 20% do território. “Assim que tivermos mais armas ocidentais de longo alcance, vamos fazer a artilharia deles recuar [...] e a infantaria vai correr”, assinalou o governador.

Por outro lado, o exército russo informou que as forças de Volodymyr Zelensky estavam se retirando de Severodonetsk “após sofrer perdas críticas”, em algumas unidades de até 90%, e se instalaram na vizinha Lysychansk. A situação nessa cidade também é considerada crítica. Quase 60% das casas foram destruídas e as redes de internet, telefonia móvel e gás foram cortadas, disse o prefeito Oleksandr Zaika. “Os bombardeios estão ficando cada vez mais intensos”, destacou.

Olexandre Striuk, prefeito de Severodonetsk, endossou, pelo menos em parte, o que disseram os russos. “Houve um certo sucesso” dos adversários, reconheceu ele, insistindo que os militares ucranianos tentam “restabelecer o controle total” da cidade. “Nossos soldados conseguiram se mobilizar novamente e construir uma linha de defesa”,

AFP



Densa fumaça em área bombardeada de Severodonetsk, principal alvo de ataques na atual fase do conflito

Destino de peregrinos

O mosteiro de Sviatohirsk é um dos mais conhecidos da Ucrânia e, antes da guerra, atraía milhares de peregrinos todos os anos.

Segundo o presidente Volodymyr Zelensky, a igreja de madeira ficou totalmente destruída após ser atingida por um novo bombardeio russo. Um ataque anterior matou quatro monges. Na ocasião, estavam abrigados no local cerca de 300 civis, entre eles 60 crianças.

detalhou o prefeito em entrevista transmitida na conta oficial da região no Telegram.

De acordo com as autoridades ucranianas, ao menos sete civis morreram na região de Luhansk depois que um bombardeio russo atingiu um **famoso mosteiro ortodoxo**. Kiev também reportou que um ataque com mísseis deixou duas vítimas no porto de Odessa (sudoeste), sem especificar se ficaram feridas ou mortas.

Além disso, o governo de Zelensky confirmou a morte de quatro combatentes voluntários estrangeiros que lutavam contra as forças russas. De acordo com

a Legião Internacional de Defesa da Ucrânia, uma brigada de voluntários, eles seriam da Alemanha, Holanda, Austrália e França. Não foram repassadas informações sobre o local ou circunstâncias das mortes.

Apesar da resistência inesperada, as tropas russas controlam, após 102 dias de guerra, um quinto da Ucrânia, com um longo corredor ao longo da costa do Mar Negro e do Mar de Azov, ligando a península da Crimeia (sul) aos territórios do Donbass. Zelensky tem se mostrado desafiador. “A vitória será nossa”, disse na sexta-feira.

O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, assegurou que o saldo dos mais de três meses de guerra é satisfatório. As tropas russas, assinalou o auxiliar do presidente Vladimir Putin, teriam “libertado inúmeras cidades” e permitido que seus habitantes voltassem a “uma vida em paz”.

Sanções

À medida que o conflito avança, os países ocidentais vêm aumentando a quantidade de armas enviadas à Ucrânia, bem como as sanções contra a Rússia, na tentativa de isolá-la e sufocar

sua economia. Em seu último pacote de medidas (o sexto desde o início da invasão), na sexta-feira, a União Europeia adotou um embargo com exceções às compras de petróleo russo e incluiu na lista de sancionados a ex-ginasta Alina Kabaeva, suposta namorada de Putin.

Por sua vez, o ministro das Relações Exteriores ucraniano, Dmytro Kuleba, criticou, ontem, as declarações do presidente francês, Emmanuel Macron, que argumentou que não se deve “humilhar” a Rússia para permitir um caminho para negociações de paz. “Os apelos para evitar a humilhação da Rússia só servem para humilhar a França [...] Todos faríamos melhor se nos concentrássemos em colocar a Rússia em seu devido lugar”, escreveu Kuleba no Twitter.

A guerra provoca temores de uma escassez global de alimentos — Rússia e Ucrânia são dois dos maiores exportadores de trigo do mundo. Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU) informou sobre negociações discretas para desbloquear as toneladas de cereais paralisadas nos portos do Mar Negro.

A ONU alertou para “um furacão de fome” essencialmente em países africanos, que importam mais da metade de seu trigo desses países e onde os preços dos alimentos estão subindo vertiginosamente. O presidente da União Africana, o senegalês Macky Sall, reuniu-se com Putin em Sochi, no sul da Rússia.

Segundo Sall, o líder russo se mostrou “comprometido e ciente de que a crise e as sanções criam sérios problemas para economias frágeis”. Em entrevista televisada, Putin garantiu que “não é um problema” exportar cereais da Ucrânia.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

OS DIPLOMATAS SUMIRAM

O mundo parece dispor de mais passado do que de futuro. Situação facilmente compreensível para a população do Reino Unido que comemora o reinado de 70 anos de sua rainha Elizabeth II, Governadora Suprema da Igreja Anglicana. Aliás, a Inglaterra até hoje é um exemplo inevitável para grandes potências, pela forma como pratica sua geopolítica, copiada dos portugueses durante as grandes navegações, modelo seguido pelos EUA e agora ensaiado pela China. Colonialismo, neocolonialismo, capitalismo, neocapitalismo e o expansionismo militar e cultural correspondente dos que fazem do mundo um grão de areia.

Em história política, olhar para trás é mais tranquilo do que olhar para frente. A política mundial

cansou da diplomacia e anda devorada pela vaidade expansionista e nenhum país líder parece estar disposto a estabelecer um teto para as ambições e as bobagens em curso. A decisão de não decidir, ou resolver decidir errado, não é mais um paradoxo da política exterior pelo mundo, é sua política.

A história é cheia de fatos repetitivos e melhor não falar da Rússia atual. Em 1852, a Inglaterra, com sua histórica mania de se meter na vida Argentina, concebeu asilo diplomático ao presidente deposto Juan Manuel Rosas. Repetiu a façanha em 1930, no Brasil, quando o presidente eleito Júlio Prestes, buscou asilo no consulado britânico de São Paulo a caminho de Portugal. Há poucos anos, a tradição de procurar abrigo em missões

diplomáticas deixou de sair justa a mesma Inglaterra, quando se desentendeu com o Equador por este oferecer, em sua embaixada de Londres, proteção ao hacker que irritou os EUA por divulgar documentos secretos do país.

Há casos trágicos e pitorescos da época da Guerra Fria, como o do cardeal húngaro Jozsef Mindszenty, dissidente político, que ficou 15 anos sob a proteção da embaixada americana em Budapeste, depois que a União Soviética invadiu a Hungria e acabou com as ilusões do socialismo democrático. Nada parecido com a bizarra atuação do exército americano contra o prédio da embaixada do Vaticano na cidade do Panamá, no fim dos anos 1990. Como ali se refugiou o presidente-ditador Manuel Noriega, os soldados

norte-americanos que invadiram o país para forçar sua deposição ficaram tanta algazarra no local que nem a Igreja aguentou, e negociou sua prisão. Julgado nos EUA por tráfico de drogas e assassinato de opositores, ficou preso quase 20 anos, sendo entregue ao Tribunal Correcional de Paris, onde foi julgado por lavagem de dinheiro do Cartel de Medellín na França. Foi devolvido ao Panamá, onde morreu aos 83 anos.

Apesar de dissidentes chineses saberem bem o caminho da embaixada americana em Pequim e de o astrofísico Fang Lizhi ser o recordista no tempo de permanência dentro daquele prédio, a China não perde o prestígio mundial, mesmo praticando baixa diplomacia. Agora, o tigre asiático decidiu fazer como a velha Inglaterra, e os EUA, e partir para a vida exterior, conquistando países na África e namorando a América Latina.

Segue o exemplo que vê em casa, onde a atual embaixada americana em Pequim, inaugurada por Bush pai e filho, é a segunda maior embaixada dos EUA no mundo. Depois do Oriente Médio, onde a diplomacia americana não dispensa grandes estruturas para ações não diplomáticas.

Até menos de dois séculos atrás, os chineses não aceitavam embaixadores de outros países. Quando os britânicos solicitaram, em 1793, à dinastia Qing, a última do Império chinês, para enviar um representante permanente à Corte Celestial, a famosa resposta foi de que tal embaixada “não estaria em harmonia com o sistema da dinastia” e “definitivamente não seria permitida”. A dinastia Qing só aceitava a presença constante de bárbaros — assim como os romanos, essa era a designação geral para todos os povos não chineses — nas fronteiras do Império, não na capital. Os poucos estrangeiros

admitidos regularmente na corte eram “obrigados a usar roupas chinesas”, “a não manter correspondência” e “jamais seriam autorizados a retornar a seus países”, como explicou o imperador chinês em carta ao rei inglês.

Foi nessa época que a fama de Cantão correu o mundo, pois era naquele cantão, hoje Guangzhou, que ocidentais podiam comercializar com os chineses e manter representação permanente.

A primeira embaixada norte-americana em Pequim teve o prédio perdido quando os EUA resolveram não reconhecer a instauração da República Popular, em 1949. Viu uma residência em Pequim do Dalai Lama na década de 1950, antes de ele se rebelar contra o domínio chinês sobre o Tibete e deixar o país, em 1959, e desde então correr o mundo pregando que devemos perdoar, mas não esquecer.

PAULO DELGADO, sociólogo